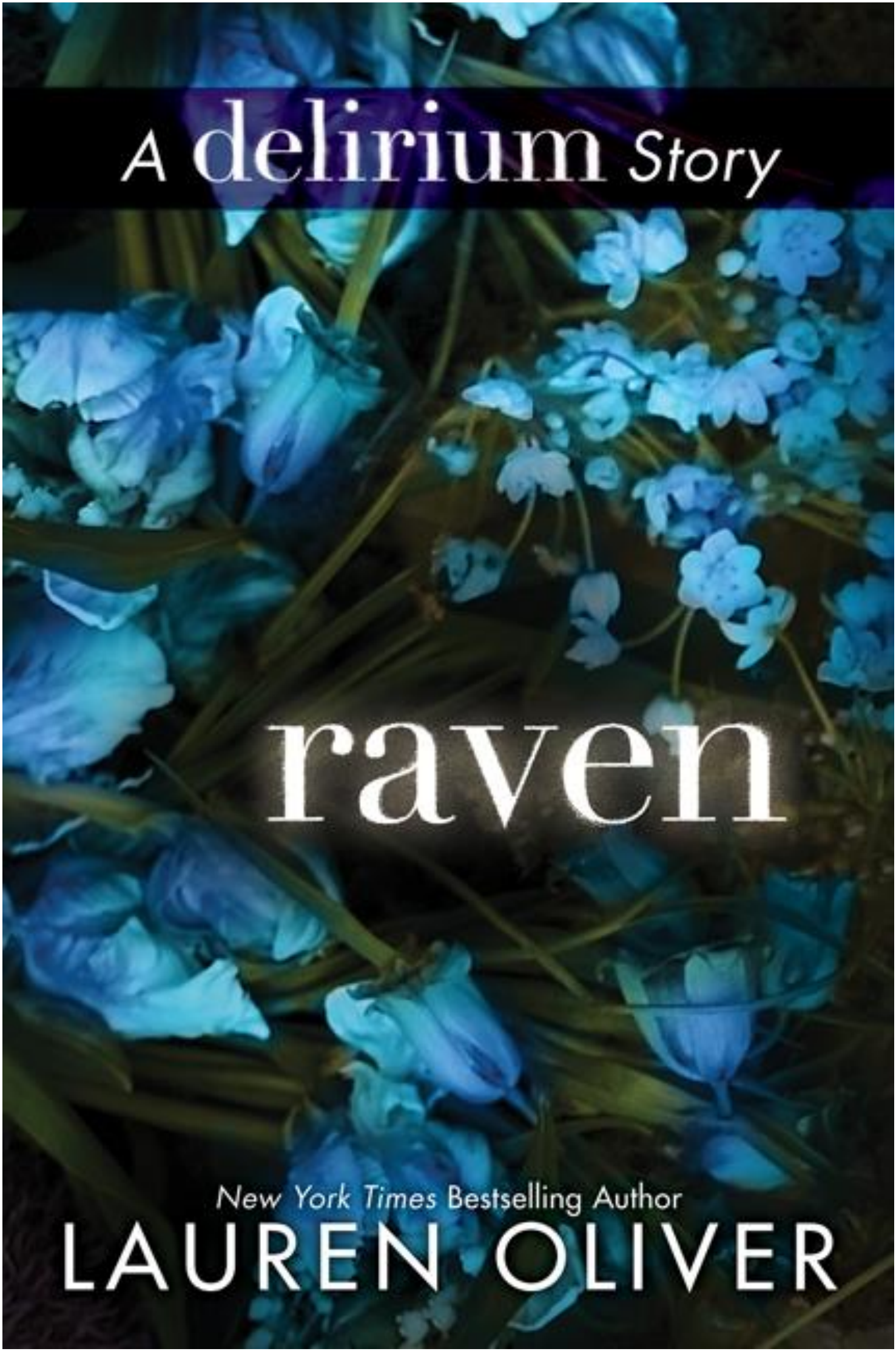

A delirium Story
raven
New York Times Bestselling Author
LAUREN OLIVER



créditos

tradução e revisão:

Grupo Shadows Secrets

sinopse

Beatrice “Tris” Prior chegou à fatídica idade de dezesseis anos, o estágio no qual os adolescentes na Chicago distópica de Veronica Roth precisam escolher a qual das cinco facções se juntar pelo resto da vida.

Cada facção representa uma virtude—Sinceridade, Abnegação, Destemor, Amizade, e Erudição. Para surpresa própria e de sua altruísta família Abnegação, ela escolhe Destemor, o caminho da coragem.

Sua escolhe a expõe aos exigentes e violentos ritos de iniciação deste grupo, mas também ameaça expor um segredo pessoal que pode colocá-la em perigo mortal.

Raven

Essas são as três coisas mais importantes que eu aprendi em meus vinte e dois anos de vida no planeta:

1) Nunca limpe a bunda com hera venenosa

2) Pessoas são como formigas: Somente algumas delas dão todas as ordens. E a maioria passa a vida sendo esmagadas.

3) Não existem finais felizes, existem apenas intervalos na atividade regular.

De todas elas, a número três é realmente a única que você deve manter na sua mente.

"Isso é estúpido," Tack diz. "Nós não deveríamos estar fazendo isso."

Eu não me incomodei em responder. Ele está certo, de qualquer forma. Isso *é* estúpido, e nós *não deveríamos* estar fazendo isso. Mas nós estamos.

"Se qualquer coisa der errada, nós paramos." Tack diz. "Eu quero dizer qualquer coisa. Eu não vou perder o Natal por essa merda."

"Natal" é o código para a próxima grande missão. Nós só ouvimos rumores sobre ela até agora. Não sabemos quando, e não sabemos onde. Tudo que sabemos é que está chegando.

Eu sinto uma súbita onda de náusea, um fluxo subindo para minha garganta, e o engulo.

"Nada vai dar errado," eu digo embora, é claro, eu não possa saber. Isso foi o que eu disse sobre a migração esse ano. *Ninguém morre*, eu disse e repetia de novo e de novo, como uma oração.

Eu acho que Deus não estava escutando.

"Guarda da fronteira," eu disse, como se Tack não pudesse ver a sólida parede de cimento, escurecida pela chuva, e os pontos de checagem a frente. Ele aliviou os freios. A

van é como um homem velho: sempre tossindo, estremecendo e levando uma eternidade para fazer o que você quer que ele faça. Mas, desde que nos leve onde for preciso.

"Nós poderíamos estar a meio caminho do Canadá por agora," Tack diz, o que, é claro, é um exagero. É assim que eu sei quando ele está chateado. Tack dificilmente exagera. Ele diz exatamente o que quer, apenas quando ele quer.

É uma das razões pelas quis eu o amo.

Nós passamos pela fronteira sem nenhum problema. Com oito anos vivendo nas Terras Selvagens e quatro trabalhando ativamente com a resistência, eu aprendi que metade da segurança do país é fachada. É tudo música e dança, uma grande peça de teatro: um modo de manter as pequenas formigas na linha, acovardadas pelo medo, com a cabeça curvada para a sujeira. Metade dos guardas é pobremente treinada. Metade dos muros não é patrulhada. Mas é a imagem que importa, a impressão de vigilância constante, de contenção.

Formigas são comandadas pelo medo.

Tack está quieto enquanto dirigimos pela Estrada do Lado Leste, livre de tráfego. O rio e o céu estão da mesma cor, cinza como ardósia, e a chuva manda camadas de água pela estrada. As nuvens têm a mesma aparência baixa e barriguda que tinham naquele dia, anos atrás, quando eu Cruzei.

O dia em que a encontrei.

Eu ainda não posso dizer o nome dela.

Eu costumava ser uma formiga também. No passado em que eu habitava, quando eu tinha um nome diferente, quando a única cicatriz que eu tinha era uma fissura, pequena e fina no meu abdômen, onde os médicos tiveram de remover o meu apêndice.

Ainda me lembro de minha antiga casa: as cortinas diáfanas que cheiravam a gardênias e plástico; o tapete polvilhado com bicarbonato de sódio e aspirado diariamente, a quietude, pesada como uma mão. A quietude. O barulho fazia o zumbido começar no cérebro dele—como uma tempestade de abelhas—uma vez ele me disse. Quanto mais alto o zumbido menos ele conseguia pensar. Quanto menos ele pensava, mais furioso ficava. Até que ele teve que quebrar, ele teve que parar com isso, ele teve que espremer de volta todo aquele som com o punho, até que houvesse silêncio novamente.

Éramos um redemoinho, circulando constantemente ao seu redor, tentando manter o zumbido afastado.

Quase me afoguei naquela casa.

"Raven?"

Eu me viro para Tack, percebendo que ele tem estado tentando chamar minha atenção. "O que?" Eu digo, um pouco bruscamente.

"Aqui?"

Tack parou na frente de um estacionamento na Vigésima Quarta Rua, abandonada, vazia, exceto por dois carros. A rua é alinhada com idênticos apartamentos, duros como sentinelas, persianas puxadas para baixo contra a chuva: uma rua toda de tijolo vermelho escurecido, cocô de pássaros manchando os graus da frente e escuridão.

"Estamos adiantados," diz ele.

"Ela tinha sete horas de vantagem sob nós, pelo menos," Eu digo.

"Ainda assim, se ela estava andando..." Ele encolhe os ombros.

"Então, vamos esperar," eu digo. "Vire à esquerda na XIX. Quero explorar o bloco."

Northeastern Medical, a clínica onde Julian Fineman está programado para morrer, é na Rua Dezoito, podemos agradecer ao rádio por deixar escapar esse pequeno detalhe. Estou surpresa que não haja mais imprensa. Então, novamente, eles podem já estar lá dentro, procurando por um ponto de vista melhor. Tack circulou o bloco duas vezes—vezes suficientes para não parecer suspeito, no caso de alguém estar observando—e falamos sobre o plano em conjunto. Ele me ajuda a pensar nisso, então estaciona e espera por mim enquanto eu ando o perímetro a pé, procurando por entradas e saídas, verificando os edifícios nas proximidades, armadilhas potenciais, becos sem saída e esconderijos.

Várias vezes eu tive que parar, respirar e lutar para não vomitar.

"Você achou um lugar para a mochila?" Tack perguntou quando eu subi de volta na van.

Eu acenei. Ele se move lentamente pelo tráfego não existente. Outra coisa que eu amo em Tack: o quão cuidadoso ele é.

Meticuloso, em algumas formas. E em outras, totalmente livre—riso fácil, cheio de ideias loucas. Dificilmente alguém consegue ver esse lado dele. Como ele fala rápido quando está animado. Como ele gosta de dizer a palavra *amor,* de novo e de novo.

Amor. Eu te amo. Eu sempre vou te amar, meu amor. Você é o amor da minha vida.

Nós continuamos dizendo essas coisas um para o outro, as partes mais intensas. Nas cidades válidas, são essas partes que são destruídas primeiro, mesmo antes da Cura— as feridas, a estranheza e as peças que carregamos dentro de nós como presentes distorcidos, esperando que uma pessoa queira recebê-los e juntá-los.

Amor ainda é uma palavra difícil para eu dizer às vezes, mesmo quando estamos sozinhos, mesmo depois de todo esse tempo. Então, nós fizemos a nossa própria língua, na forma de pressionar peito a peito e na forma de tocar o nariz quando nos beijamos. Eu começar a dizer seu nome, seu nome real. Um nome que traz um gosto de sol, e de sol levantando brumas sobre as árvores, e de brumas chegando ao céu.

Seu nome secreto, que pertence a mim, e para ele, e para ninguém mais.

Michael.

Eu já disse a ela alguma vez que a amava?

Eu não sei.

Eu não me lembro.

Eu penso nisso todos os dias.

Desculpe-me.

A náusea é quase constante agora. Ela rola de cima abaixo. Pensar nela é demais, e o ácido surge a partir de meu estômago e queima as costas da minha garganta.

"Pare," eu digo a Tack.

Eu vomito atrás de um carro que parece não ser movido em anos, ao lado de uma pequena farmácia, seu toldo azul surrado empoçado de água da chuva. O sinal de néon vertical indicando consulta e diagnóstico está escuro, mas um pequeno sinal laranja estava além da porta suja: Aberto. Por um segundo eu me pergunto se deveria entrar, inventar alguma história, tentar conseguir outro exame, apenas para ter certeza. Mas é muito arriscado, e eu preciso manter o foco em Lena.

Eu ponho meu casaco em cima da cabeça enquanto corro de volta para a van, sentindo-me um pouco melhor agora que eu vomitei.

As sarjetas estão fluindo com o lixo, carregando pequenos pedaços de papel e copos descartáveis para o esgoto. Eu odeio a cidade. Queria estar com o resto do grupo no armazém, fazendo malas, contando cabeças, medindo suprimentos.

Queria estar em qualquer lugar, realmente – combatendo pelas Terras Selvagens, que estão sempre mudando, sempre crescendo; até mesmo lutando contra os Carniceiros.

Em qualquer lugar menos nessa cidade cinza vertical, onde mesmo o céu é mantido a distância.

Onde nós somos tão pequenos quanto formigas.

A van cheira a bolor e Tabaco e, estranhamente, a manteiga de amendoim. Eu abro uma janela.

"O que foi aquilo?" Tack pergunta.

"Não estava me sentindo bem," eu digo, encarando a frente, não querendo que ele continue com mais perguntas. Duas semanas seguidas tendo enjoos pelas manhãs. No começo eu achei que fosse só estresse – Lena capturada, todo o plano fora de nossas mãos. Esperando. Assistindo. Rezando para que ela ficasse bem.

Paciência nunca foi meu ponto forte.

"Você não parece bem," ele diz. E então, "O que está acontecendo Raven? Você está—?"

"Eu estou bem," eu digo rapidamente. "Meu estômago só está ruim, isso é tudo. É aquela merda que eu tenho comido ultimamente."

Tack relaxa um pouco. Ele alivia seu aperto no volante de modo que suas juntas já não estão mais brancas, e o músculo da sua mandíbula relaxa.

Eu me sinto inundada pela culpa, um coisa ainda pior do que a náusea. Mentir é uma defesa, como os espinhos de um porco-espinho ou as garras de um urso. E o meu tempo nas Terras Selvagens me tornou muito boa nisso. Mas eu não gosto de mentir para Tack.

Ele é praticamente a única pessoa que eu ainda tenho.

"Ela é sua?"

Essas foram as primeiras palavras de Tack para mim. Eu ainda posso vê-lo do jeito que ele era então: mais magro, mais até do que ele é agora. Mãos grandes. Duas argolas no

nariz. Os olhos entreabertos, mas alertas, como os de um lagarto; cabelo que caía praticamente até a ponte do nariz.

Sentado no canto da enfermaria, mãos e tornozelos juntos. Marcado com picadas de mosquitos e arranhões sujos de sangue.

Eu tinha estado nas Terras Selvagens por apenas um mês. Eu tive sorte, e encontrei meu caminho para uma propriedade depois de seis horas de travessia de Yarmouth. Tive sorte duas vezes, na verdade. Apenas uma semana mais tarde, a propriedade se realocou, mudou-se para New Hampshire, ao sul de Rochester. Rumores de um ataque nas Terras Selvagens deixaram todos nervosos. Eu tinha chegado bem a tempo. Eu precisava fazê-lo. Blue mal estava viva e eu não tinha como alimentá-la. Eu corria em um pânico, cega a tudo, menos a necessidade de desaparecer, eu não tinha suprimento nem conhecimento, não havia esperança de sobreviver sozinha. Meus sapatos estavam muito apertados e abertos à esquerda—tinha bolhas de sangue do tamanho de moedas depois de apenas algumas horas de caminhada. Eu não sabia como me posicionar. Não tinha controle de para onde eu estava indo. Tinha sede, mas não queria beber de um córrego porque isso poderia me causar alguma doença.

Idiota. Se eu não tivesse entrado na propriedade, eu teria morrido. E ela também.

A pequena Blue.

Eu não tenho acreditado em Deus desde que eu era uma criancinha e vi meu pai pegar minha mãe pelo cabelo e bater no seu rosto no balcão da cozinha, assisti o jato de sangue no linóleo e vi um dos seus dentes escorregar pelo chão, branco e brilhante com um molde. Eu soube então que não havia ninguém lá em cima zelando por nós.

Mas na minha primeira noite nas Terras Selvagens, quando a floresta se abriu como uma mandíbula e vi as luzes brilhando em focos na escuridão, pequenas auréolas além da chuva, e ouvi uma voz na minha mente—quando Avó pôs um cobertor ao redor dos meus ombros, e Mari, de 22 anos que tinha acabado de dar a luz a seu segundo recém-nascido, pegou Blue nos braços, em no seu peito, chorando silenciosamente todo o tempo enquanto ela estava mamando, quando eu soube que estávamos salvas – aquela noite, eu achei que conheci Deus, só por um segundo.

"Eu não devo falar com você," eu disse a Tack. Só que eu não o sabia o seu nome ainda. Ele ainda não tinha um nome.

Não tinha um grupo, ou uma propriedade; não pertencia a lugar nenhum. Nós o chamamos O Gatuno.

O Gatuno riu. "Você não deve né? Que tal toda a liberdade no outro lado das muralhas?"

"Você é um Carniceiro," eu disse, apesar de eu dificilmente saber o que aquele termo significava. Eu não tinha visto um ainda, graças a Deus, e não veria por dois anos, durante uma relocação que enxugou nossos números na metade. "Eu não quero falar com você."

Ele hesitou. "Eu não sou um Carniceiro." Então ele ergueu o queixo e olhou para mim. Essa foi a primeira vez que eu percebi que ele era provavelmente da minha idade. Suas roupas, sua sujeira, sua atitude—eu teria dito que ele era mais velho. "Eu não sou nada."

"Você é um gatuno," eu disse, olhando para longe.

Apenas um mês nas Terras Selvagens—eu não tinha nem começado a diminuir o meu medo deles. Rapazes.

Ele deu de ombros. "Eu sou um sobrevivente."

"Você estava roubando nossa comida," eu disse. Eu não acrescentei: *Todo mundo pensou que eu era a culpada*. "Isso faz de você um Carniceiro em minha opinião."

Pelas últimas semanas, as propriedades tinham notado suprimentos faltando, alguns recipientes vazios que deveriam estar cheios, um ou dois jarros de água limpa, misteriosamente esvaziados durante a noite.

O grupo tinha ficado tenso, desconfiado, e eu me tornei a principal suspeita. Eu era a mais nova, depois de tudo. Ninguém sabia quem eu era ou de onde eu vim ou o que eu era, e os roubos começaram logo depois que eu cheguei com a Blue.

Então esse cara chamado Gray, que era uma espécie de líder do grupo na época, tinha começado a vigiar sem avisar a ninguém. No meio da noite ele saiu de sua cama e checou todas as ciladas e armadilhas, verificou a despensas, garantiu que todos da propriedade estivessem exatamente onde deveriam estar. Em seu segundo dia de ronda, ele pegou Tack tirando um coelho de uma de nossas armadilhas. Roubando. Tack quase enfiou uma faca em de Gray, tentando escapar. Mas ele errou e apenas uma parte da lâmina entrou no ombro de Gray, que conseguiu gritar e dominar Tack no chão, desde então ele tem sido o nosso prisioneiro e todos tinham estado debatendo o que fazer com ele.

"Bem-vindo à liberdade," disse ele. E cuspiu ao lado de seus pés, no chão. "Todo mundo tem uma opinião."

Voltei minha atenção para Blue. A avó tinha me dito para não ficar muito apegada. *Muitos deles não conseguiam sobreviver aqui*, ela disse. Mas eu já estava apegada. A partir do segundo em que a encontrei, a partir do segundo em que senti a pressão de seus batimentos cardíacos abaixo suas minúsculas costelas. Eu sabia que ela era minha—era meu trabalho, meu dever protegê-la.

No início, ela mal tinha ingerido qualquer alimento de Mari, mas depois de duas semanas, ela estava comendo melhor e começando a ganhar peso. Quando Mari amamentava-a, eu me sentava ao lado ela, às vezes com um braço ao redor de Blue, como se eu pudesse absorver a ambas. Como se eu estivesse enviando vida para Blue através das pontas dos meus dedos, por suas veias azuis, seu coração e sua boca. Eu fiquei com Blue todo o tempo. Avó me deu um velho canguru de bebês, desbotado com uma monótona cor cinza unissex, depois de tantas lavagens, para que eu pudesse leva-la no meu peito quando eu estivesse ajudando os outros com os turnos.

Mas depois ela ficou doente de novo. Ela estava inquieta e não conseguia dormir por mais de quinze minutos seguidos. Seu nariz estava sempre escorrendo, e no segundo dia, a febre era tão ruim que eu podia sentir o calor de seu corpo quando eu estendia minha mão a seis centímetros do seu peito.

Ela parou de se alimentar, e chorava por horas, às vezes. Todo mundo me disse que era apenas um resfriado, e ela iria superar isso.

Durante três dias, eu estava me movendo através de uma espessa névoa de exaustão, um cansaço implacável como nada que eu já tinha conhecido. À noite, eu ficava acordada e sussurrava para ela, balançando-a mesmo quando ela tentava me empurrar para longe, mantendo-a fresca com panos molhados. Nos mudamos, nós duas, para a enfermaria. Tack teve que ser colocado lá também, temporariamente, enquanto os outros da propriedade se reuniram na sala principal e discutiram se iriam deixá-lo ir e confiar que ele não iria roubar de nós novamente, ou se ele deveria ser punido, até mesmo morto.

A lei nas Terras Selvagens era tão dura, a seu modo, como a lei do outro lado da cerca.

Tack me assistia enquanto eu me curvava sobre Blue, murmurando para ela, secando o suor da sua testa. Ela não estava mais chorando. Seus olhos estavam meio fechados, e ela mal se mexia quando eu a tocava. Sua respiração estava curta e superficial.

"Isso é VSC[1]," Tack falou de repente. "Ela precisa de remédios."

"Você é algum tipo de médico?" eu disparei de volta. Mas eu estava assustada. Eu queria que ela chorasse, abrisse a boca, me respondesse de alguma forma. Mas ela estava apenas deitada lá, lutando para respirar. Eu soube então que isso não era apenas um resfriado. O que quer que ela tivesse, estava piorando.

"Minha mãe era enfermeira," Tack disse calmamente. Isso me surpreendeu. Era estranho pensar que o Gatuno, o selvagem garoto desordeiro, tivesse uma mãe—tivesse um passado em geral. Eu olhei para ele.

"Me desamarre," ele disse, sua voz baixa, convincente, "e eu vou te ajudar."

[1] Vírus Sincicial Respiratório, sazonal e altamente virulento, responsável por inúmeros casos de infeções do trato respiratório superior.

"Mentira," eu disse.

Há uma parte de mim—uma grande parte—que está esperando que Lena não apareça. Ela pode ter ficado presa na fronteira, ou ter sido pega por uma patrulha sem um ID. Ela pode ter ficado perdida. Ele pode estar muito atrasada. Então Tack e eu não vamos ter que nos envolver, não vamos arriscar uma grande e podre bagunça.

Mas nós a tínhamos treinado muito bem, e em um par de minutos depois eu a vi subir a rua, cabeça baixa contra a chuva, que tinha virado um lento chuvisco. Ela está vestindo roupas que não pertencem a ela, com exceção do blusão, que ela deve ter pegado da casa segura. Ainda, seu caminhar é inconfundível: andar ligeiro sobre seus pés, como se ela quicasse na ponta dos pés, como se pudesse romper em uma corrida a qualquer segundo.

Tack a vê ao mesmo tempo em que eu, e afunda um pouco no banco da frente, como se estivesse preocupado que ela pudesse nos ver. Mas ela esta totalmente focada. Ela mal pausa na entrada para a clínica. Ela desliza para dentro.

A qualquer momento agora. O ar no interior da van é úmido, e minha pele está pegajosa. As janelas estão embaçadas por causa da nossa respiração. Eu sinto outra onda de náuseas e a empurro de volta. Não há tempo para isso.

Depois de alguns minutos, Tack suspira alcança o casaco enrolado no assento entre nós. Ele aperta-o e empurra os braços, duro, nas mangas. Ele parece engraçado em um terno, como um urso vestido em um traje para o circo. Eu nunca iria dizer-lhe isso, no entanto.

"Pronta?" diz ele.

"Não se esqueça disso." Eu passo a ele uma pequena identidade laminada. É tão antiga e manchada que a imagem é quase indistinguível—o que é bom, porque o seu proprietário original, Dr. Howard Rivers, era de cerca de 20 quilos mais pesado que Tack e tinha uma década a mais que ele.

Então, novamente, Howard Rivers não era realmente Howard Rivers, mas Edward Kauffman, um médico respeitado em Maine que trabalhava para manter a Deliria fora de nossas escolas e casas, que tinha laços com o governador, que subsidiava centros médicos nas zonas mais pobres da cidade. Secretamente, no entanto, ele era um radical e resistente polêmico, famoso por realizar abortos por baixo dos panos em não curadas que tinham engravidado e estavam desesperadas para esconder isso.

Ao longo dos anos, ele teve uma dúzia de falsas identidades médicas para que pudesse aumentar seus embarques de medicamentos e antibióticos, que depois eram distribuídos para Inválidos nas Terras Selvagens.

Edward Kauffman, o original, já está morto agora por dois anos. Ele foi descoberto em uma operação da polícia e executado apenas duas semanas mais tarde. Mas muitos de seus pseudônimos, suas identidades falsas, sobreviveram. Eles são saudáveis e praticar ainda.

Tack prende a identificação para sua jaqueta. "Como eu estou?" diz ele.

"Médico," eu respondo.

Ele confere seu reflexo no retrovisor e tenta, sem sucesso novamente, ajeitar seus cabelos. "Não se esqueça," diz ele. "Estacionamento na Vigésima Quarta. Eu estarei esperando por você."

"Nós estaremos lá," eu digo, ignorando a sensação estranha no estômago. Mais do que náuseas. Nervos. Eu odeio ficar nervosa. É uma fraqueza. Isso me lembra da pessoa que eu costumava ser, e do calmo relógio na velha casa, a cerveja do meu pai, sua raiva crescente como uma tempestade.

Toda vez que eu tenho que matar alguém, eu finjo que ele tem o rosto do meu pai.

"Tenha cuidado, Rae." Por um segundo, eu vejo um vislumbre de Michael, o rapaz que ninguém vê. Rosto sincero como o de um garoto. Assustado. "Eu gostaria que você me deixasse fazer o trabalho pesado."

"Onde está a diversão nisso?" Eu pressiono os dedos em meus lábios, e os levo até seu peito. É o nosso sinal. Nem um de nós é muito meloso e, além disso, é muito arriscado beijar na Terra dos Zumbis. "Vejo você do outro lado."

"Do outro lado," ele repete, então desliza para fora da van, correndo pela rua empoçada com a chuva.

Conto sessenta segundos, faço alguns ajustes de última hora nos meus apetrechos, viro o espelho para baixo, e verifico meus dentes. Sinto a arma escondida no casaco e verifico as provisões no bolso direito dos meus jeans. Tudo certo. Tudo lá. Conto mais sessenta segundos, o que me ajuda ignorar os nervos. Nada a temer.

Eu sei o que estou fazendo. Nós todos sabemos. Muito bem.

Às vezes imagino que Tack e eu vamos apenas fugir—da guerra, da luta, da resistência. Dizer adeus e para sempre. Vamos para o norte construir uma propriedade juntos, longe de tudo e de todos. Nós sabemos como sobreviver. Nós poderíamos fazê-lo. Capturar, caçar e pescar nossos alimentos, que podemos prosperar, ter toda uma ninhada

de filhos e fingir que o resto do mundo não existe. Deixar isso estourar em pedacinhos se quiser.

Sonhos.

Já faz dois minutos e meio. Eu abro a porta da van e desço para o meio-fio. A chuva não é nada mais do que uma garoa agora, mas as sarjetas ainda estão transbordando, redemoinhos de alças de xícaras de café esmagadas, bitucas de cigarros e panfletos.

Quando eu abro a porta para a clínica, é como um mundo diferente: um grosso tapete verde, móveis polidos brilhando. Um grande e vistoso relógio no canto, tiquetaqueando os minutos. Não é um mau lugar para morrer, se você tivesse que escolher.

Tack está de pé na recepção, tamborilando os dedos contra a mesa. Ele mal olha para mim quando entro

"Sinto muito, doutor." A técnica de laboratório atrás da mesa está perfurando botões freneticamente. Seus dedos são gordos e sobrecarregados com anéis que formam grandes e profundos cortes em sua pele. "Uma inspeção—hoje—deve ser um engano."

"Está nos livros," diz Tack, em uma voz que pertence a alguém mais velho, mais gordo e curado. "Cada clínica é sujeita a uma regulamentação anual."

"Desculpe-me," digo em voz alta, interrompendo-o, quando eu venho para a mesa. Eu certifiquei-me de andar um pouco engraçado, apenas para a encenação. Tack e eu podemos rir mais tarde. "Desculpe-me," repito um pouco mais alto. Alto demais para o espaço.

"Você vai ter que esperar," a recepcionista me diz, pegando o telefone e dobrando o queixo no receptor. Ela se vira imediatamente de volta para Tack. "Eu sinto muito. Você não tem ideia de como estou envergonhada."

"Não se desculpe," diz ele. "Basta chamar alguém aqui que possa me ajudar."

"Ei." Inclino-me para frente sobre o balcão. "Olha, eu estou falando com você."

"Minha senhora." Ela está perdendo a paciência. Ela está provavelmente morrendo de medo, pensando que ela vai fechar toda a clínica porque ela confundiu a data de revisão. "Eu estou no meio de uma coisa. Se você tem uma consulta marcada, você vai tem que assinar e tomar um assento no—"

"Eu não tenho uma consulta marcada." Eu estou realmente exaltada agora, praticamente gritando. Tack faz um bom trabalho em parecer enojado. "E eu não vou esperar. Eu tenho essa erupção cutânea, ok? E isso está me deixando louca. Eu não posso nem sequer sentar."

Eu desfaço o meu cinto e começo a puxar minhas calças para baixo ao longo da minha cintura, como se eu estivesse a ponto de tirá-la. Tack recua com um ruído de desgosto, e a enfermeira bate o telefone e praticamente lança-se ao redor da mesa.

"Por aqui, senhora, por favor." Ela põe uma mão no meu braço. Eu posso sentir o cheiro do suor debaixo de seu perfume. Ela me guia rapidamente para fora da recepção—longe do Dr. Howard Rivers, médico inspetor, onde eu não possa fazer nenhum mal, onde eu não possa constranger ainda mais a clínica—e mais a frente, por um conjunto de portas dobráveis até um longo corredor branco. Eu sinto um nó de emoções em meu peito, uma ligeira pausa, como sempre sinto quando um plano está saindo como esperávamos. Com minha mão livre eu atrapalho meus dedos no bolso direito dos jeans e pego o pequeno frasco de vidro, o desarrolho com um polegar e deixo o conteúdo derramar no pano no meu bolso. Acetona, água sanitária e calor.

Não é tão bom como os clorofórmios fabricados, mas bom o suficiente.

"O médico virá vê-la em breve," diz ela, arfando pelo esforço de me guiar para frente. Ela praticamente me empurra para uma pequena sala de exame e fica, o peito arfando sob seu uniforme, com uma mão na maçaneta da porta. O corredor atrás dela está vazio. "Se você só esperar aqui..."

"Eu odeio esperar," eu digo, e passo para frente, levando o pano até seu rosto.

Ela é muito pesada ao cair.

Me desamarre, e eu vou ajudá-la.

As palavras ficaram presas em minha mente, um escárnio, e uma promessa. Eu não achei que poderia confiar nele. E seria uma traição—à Avó, e aos outros na propriedade que haviam acolhido a Blue e a mim. Se eu fosse pega, se o Gatuno estragasse tudo, eu teria que pagar por isso. Talvez eu ficasse amarrada na enfermaria, esperando o grupo decidir o que deveria ser feito comigo.

Mas Blue não estava melhorando.

Eu estava com tanto medo—eu tinha medo de tudo naquela época, era apenas uma magrela de merda que tinha feito uma rápida decisão de fugir e que não tinha ideia do que estava fazendo. Meu pai sempre me disse que eu era uma idiota, patética, um dos perdedores. E naquela época, talvez ele estivesse certo.

Eu sabia que o Gatuno não estava com medo. Eu poderia dizer. Não tinha medo de mim ou de qualquer outro da propriedade, não tinha medo de morrer.

Quando Blue começou a murmurar e gemer em seu sono—até que demorava dez segundos antes que ela conseguisse dar outro suspiro—eu roubei uma faca na cozinha e trouxe de volta para a enfermaria. Minhas mãos tremiam. Lembro-me disso, porque eu ficava pensando nas mãos da minha mãe, sacudindo seus talheres, vibrando como pássaros, uma selvagem parte frenética dela. Eu perguntei se ela tinha pensando em mim alguma vez desde que eu a deixei.

Já era tarde. Todo mundo estava dormindo—agora que o ladrão tinha sido apanhado, mesmo Gray não sentia a necessidade de patrulhar.

O sorriso do ladrão era como a lâmina de uma foice no escuro. Agachei-me na frente dele.

"Você prometeu," eu disse a ele. "Você prometeu me ajudar."

"Eu juro solenemente," ele disse. Eu não gostei do som de sua voz—como se ele estivesse rindo de mim—mas eu o libertei de qualquer maneira, me sentindo doente o tempo todo, sabendo que Blue iria morrer de outro modo. Poderia morrer do mesmo jeito.

Ele se levantou, gemendo um pouco. Eu não tinha percebido o quão alto ele era. Eu não o tinha visto, exceto sentado ou deitado desde que ele foi trazido para dentro. Eu dei um passo para trás, vacilando, quando ele levantou os braços acima da sua cabeça.

Seu sorriso desapareceu, transformado em algo mais difícil. "Você não confia em mim, confia?" disse.

Eu balancei a cabeça. Ele estendeu sua mão para a faca, e depois de um segundo de hesitação, eu a entreguei para ele.

"Eu vou estar de volta ao meio-dia," disse ele. Meu coração estava batendo com força em minha garganta, um ritmo, dizendo*: Por favor, por favor. Eu estou contando com você*. Ele empurrou seu queixo em direção a Blue. "Mantenha-a viva até lá."

Então ele se foi, movendo-se silenciosamente pelos corredores escuros, desaparecendo nas sombras. E eu me sentei segurando Blue, com terror pousando como uma névoa negra em meu peito, e esperei.

Mentiras são apenas histórias, e as histórias são tudo que importa. Nós todos contamos histórias. Algumas são mais verdadeiras do que outras, talvez, mas no final a única coisa que conta é o que você pode fazer as pessoas acreditarem.

Aprendi a contar histórias com a minha mãe. "Seu pai não está se sentindo bem hoje", ela dizia. Ela dizia, *eu tive um acidente*. Ela dizia, *Lembre-se o que aconteceu. Você é uma menina desajeitada. Você trombou em uma porta. Você tropeçou e caiu escada abaixo*. Minha história favorita: *Ele não teve a intenção*.

Ela era tão boa em contar histórias que eu comecei a acreditar depois de um tempo. Talvez eu fosse desajeitada. Talvez fosse minha culpa, por provocá-lo.

Talvez ele realmente não tivesse a intenção.

Havia histórias, também, sobre uma menina que ficou grávida antes de sua cura. Caroline Gormely—ela morava na mesma rua que eu, no nosso bairro de casas quadradas, de aparência idêntica. Seus pais só descobriram depois que ela engoliu metade de uma garrafa de água sanitária e foi levada para a sala de emergência. Um dia ela estava por perto, voltando para casa de ônibus, pressionando o nariz contra o vidro, a janela de embaçada com a sua respiração. E no outro dia ela não estava mais.

Minha mãe me disse que ela tinha sido levada para algum lugar para ser curada, fora transferida para uma cidade diferente, onde ela poderia recomeçar. Seus pais a tinham deserdado. Ela iria provavelmente terminar trabalhando no saneamento básico em algum lugar, nunca se emparelharia carregando o mal da doença sobre ela, como uma cicatriz. *Você vê o que acontece,* meu pai disse, *quando você não ouve?*

E o bebê? Eu tinha perguntado a minha mãe.

Ela hesitou por apenas um segundo. *Vão cuidar dele,* ela disse. E ela quis dizer isso: só não do jeito que eu pensava.

O uniforme do laboratório de tecnologia está grande em mim, tão grande que eu me sinto como uma criança brincando de se vestir. Mas vai funcionar. Eu não me apresso. Uma boa história precisa de tempo, deliberação. Eu levo meu tempo procurando uma pequena máscara fabricada, a qual eu deslizo sobre o meu rosto, e luvas de borracha. Eu tranco a fechadura antes de voltar para o corredor. Não tem sentido arriscar que descubram a enfermeira, que está agora curvada no chão de linóleo, respirando pesadamente como uma criança.

Eu prendo a identidade dela no meu uniforme, sabendo que ninguém vai checá-la. Você precisa dar as pessoas os traços gerais, as coisas que elas esperam: as principais características e desenvolvimentos.

E o clímax, é claro. Uma boa história sempre precisa de um clímax.

Ninguém na propriedade me culpou pela fuga do Gatuno, como eu tinha me preocupado que eles o fariam depois da faca da cozinha ser dada por desaparecida. Todos assumiram que ele tinha fugido de alguma forma, que tinha conseguido tirar as amarras ele mesmo e tinha roubado a faca antes de fugir. Os linha-dura, os que queriam matá-lo, se regozijaram: ele não era bom, ele poderia voltar para assassiná-los em seu sono, eles acreditavam que deveriam manter vigilância constante nas lojas de alimentos agora. Deveriam ter matado o nada bom Carniceiro quando eles tiveram uma chance.

Eu quase falei. Eu teria confessado, mas eu estava com muito medo de que eu fosse ser deixada, abandonada nas Terras Selvagens.

O Gatuno havia prometido estar de volta ao meio-dia, mas o meio-dia veio e se foi, e quando as pessoas na propriedade acabaram com suas rondas a respiração de Blue soava como um chocalho no peito quando ela respirava, eu sabia que ele havia mentido para mim. Ele nunca iria voltar, e Blue iria morrer, e era tudo minha culpa. Eu não podia chorar sobre isso, porque eu tinha aprendido a nunca chorar, até mesmo quando menina. Choro era uma das coisas que irritavam o meu pai, assim como riso muito alto, ou sorrir de uma piada que não o incluía, ou parecer feliz quando ele estava desgostoso, ou parecer desgostosa quando ele estava feliz.

Lembro-me de Lu cuidar de Blue enquanto eu ia tomar um pouco de ar, mesmo que eu soubesse que ela não acreditava em nenhuma mudança. Todo mundo estava andando em volta de mim como se eu tivesse algum tipo de doença, ou como se eu estivesse em modo detonador e pudesse explodir a qualquer momento em pedacinhos. Isso era o pior: saber que eu também acreditei que ela morreria.

Eu ainda não estava acostumada com as Terras Selvagens, e eu ainda não gostava de lá. Eu estava acostumada a regras, cercas, rios de pavimentação e estacionamentos, ordem em todos os lugares. As Terras Selvagens eram vastas, escuras e imprevisíveis, e lembravam-me da minha casa e da raiva do meu pai, pressionando tudo, não deixando espaço para respirar, pressionando-nos à submissão. Mais tarde, eu soube que as Terras Selvagens na verdade obedeciam a certas regras, continham certo tipo de ordem crua e nua e bonita.

Somente os seres humanos são imprevisíveis.

Eu me lembro: a lua alta, o peso do medo, o aperto sufocante da culpa. O vento frio, trazendo cheiros desconhecidos.

O estalo de um ramo. Um passo.

E de repente lá estava ele: O Gatuno surgiu das árvores, parecendo dez anos mais velho do que quando ele saiu, encharcado. Ele estava carregando uma mochila. Por um segundo, eu não pude acreditar que ele era real. Eu pensei que fosse um sonho.

"Albuterol," disse ele, levantando a mochila. "Para a menina. E suprimentos para os outros. Penitência pelo meu crime."

Tylenol, Sudafed, band-aids, antibióticos, bacitracina, Neosporin, penicilina. Foi um prêmio. Ninguém podia acreditar que ele tinha retornado. Ninguém podia acreditar que ele arriscou a sua vida, cruzando para o outro lado, para estocar suprimentos desesperadamente necessários. Ele não disse nada sobre o acordo que havíamos feito. Seus crimes anteriores foram perdoados.

Ele disse aos colonos sobre uma pequena instalação de armazenamento simples, minimamente segura e totalmente não marcada, nas margens do Rio Cocheco. O homem que era dono dela, Edward Kauffman, era um simpatizante, e distribuía medicamentos e até certos tratamentos para não curados às escondidas. Tack tinha se movido rio acima, lutando contra uma forte corrente, e cruzou logo a leste de clínica Kauffman. Ele teve que se esconder por um tempo antes de cruzar de volta no entanto, à espera de uma patrulha para seguir em frente.

"Como você sabe sobre a clínica?" Eu perguntei a ele.

"Minha irmã," ele disse-me logo. Ele não disse, mas eu imaginei: Ela teve algum tipo de procedimento lá, algo que ele não queria me contar. Mais tarde, no entanto, eu entendi.

"Afiado como uma tachinha[2], esse aí," Avó tinha anunciado após o Gatuno ter acabado de falar, e assim o Gatuno recebeu um nome, e tornou-se um de nós.

Além da sala de espera, o hospital se parece com qualquer outro: sombrio, feio, excessivamente limpo. Eu não gosto de lugares que são muito limpos. Eles sempre me fazem pensar sobre o que está sendo coberto e escondido.

Eu ando de cabeça baixa, não muito rápido, não muito lento. Quase ninguém está nos corredores, e o único médico por quem eu passo mal olha para mim. Bom. Pessoas cuidam dos seus próprios negócios aqui. Eu pauso quando chego aos elevadores: um cara de pé, batendo o pé, consultando o relógio: garoto propaganda da impaciência, com uma câmera grande pendurada em seu pescoço e a aparência de alguém que não tem dormido há uma semana. Imprensa.

"Você está aqui por Julian Fineman?" É tudo que eu tenho que dizer.

[2] Tack, em inglês.

"É no seis, certo? A mulher na recepção me disse que era no seis." Ele deve estar na casa dos trinta, mas ele tem uma grande espinha na ponta do nariz, irritada como uma bolha. Sua vibração toda é um pouco como a espinha, na verdade: pronto para explodir.

Eu o sigo até o elevador, entro e aperto o seis com um soco das junta dos dedos. "É seis," eu digo.

A primeira vez que eu matei alguém tinha dezesseis anos. Isso foi quase dois anos depois de eu ter fugido para a floresta, e de em seguida, a propriedade ter se mudado.

Certas pessoas tinham partido ou morrido, outros tinham aparecido. Nós tivemos um inverno ruim no meu primeiro ano, quatro semanas de neve, praticamente sem sessar. Sem caça, sem captura, sobrevivendo dos pedaços que sobraram do verão – tiras de carne seca, e, quando aquilo acabou, arroz simples. Mas pior do que isso foi o congelamento, a neve de dias empilhou-se tão rápido e era tão pesada que não era seguro sair, quando a propriedade cheirava a corpos sujos e coisas piores, quando o tédio era tão ruim que se arrastava para baixo em sua pele e se tornava uma coceira constante.

Mari não sobreviveu a esse inverno. O segundo natimorto[3] tinha sido um golpe duro; mesmo antes do inverno, ela às vezes passava dias enrolada em seu berço, um braço torto em torno do espaço vazio onde um bebê deveria ter estado. Naquele inverno, foi como se algo frágil finalmente tivesse estalado em seu interior, e uma manhã, acordei e encontrei-a balançando de uma viga de madeira na sala de alimentos.

Estava nevando muito forte para levá-la para fora—então, por dois dias nós tivemos que viver ao lado de seu corpo. Perdemos Tiny também, que saiu um dia para tentar caçar, embora tivéssemos dito que não seria de nenhuma utilidade, os animais não estariam do lado de fora e era muito arriscado. Mas ele estava ficando louco por estar encurralado há tanto tempo, louco por causa da fome constante que nos torturava de dentro para fora. Ele nunca mais voltou. Provavelmente se perdeu e congelou até a morte.

Então, no meu segundo ano, decidimos nos mover. Foi decisão de Gray, na verdade, mas estávamos todos de acordo. Bram, que tinha chegado mais cedo no verão, disse-nos sobre algumas propriedades rurais mais ao sul, lugares propícios, onde iríamos encontrar abrigo. Em agosto, Gray mandou olheiros para traçar rotas e procurar por parques de campismo. Em Setembro, começamos o deslocamento.

Os Carniceiros alcançaram Connecticut. Eu tinha ouvido histórias sobre eles, mas nunca coisas concretas: mais sussurros e mitos, como as histórias de monstros que a minha

[3] Natimorto: Aquele que nasceu morto, que morreu ainda no útero de sua mãe

mãe tinha me contado quando eu era criança para que me comportasse. *Shhh. Fique quieta ou você vai acordar o dragão*.

Já era tarde e eu estava dormindo quando Squirrel, que estava patrulhando, deu o alarme: dois tiros disparados na escuridão. Mas já era tarde demais. De repente todos estavam gritando. Blue—já grande, bonita, com os olhos de um adulto e um queixo pontudo como o meu, acordou gritando, apavorada. Ela não deixaria a barraca. Ela estava agarrada ao saco de dormir, me chutando, dizendo: *Não, não, não* uma e outra vez.

Até o momento que eu consegui colocá-la em meus braços fora das barracas, pensei que o mundo estava acabando. Eu tinha pegado uma faca, mas eu não sabia o que fazer com ela. Eu uma vez esfolei um animal e aquilo quase me fez vomitar.

Descobri mais tarde que havia apenas quatro deles, mas na hora era como se eles estivessem por toda parte. Esse é um de seus truques. Caos. Confusão. Havia fogo—duas tendas queimaram simples assim, como duas cabeças de fósforo explodindo—e houve tiros e pessoas gritando.

Tudo o que eu conseguia pensar era em *correr*. Eu tinha que correr. Eu tinha que levar Blue para longe de lá. Mas eu não podia me mover. Eu senti o terror como um peso frio dentro de mim, torcendo-me ali naquele lugar, da mesma forma que sempre sentia quando era uma menina, quando meu pai descia as escadas, *batida, batida, batida*, sua raiva como um cobertor que pretendia sufocar a todos nós. Observando do canto enquanto ele chutava minha mãe nas costelas, no rosto, incapaz de chorar, incapaz até mesmo de gritar. Por anos eu fantasiava que da próxima vez que ele me tocasse, ou a ela, eu iria enfiar uma faca no meio das suas costelas, todo o caminho até ao punho. Eu tinha pensado sobre o borbulhar de seu sangue da ferida e como seria bom sentir e saber que ele, como eu, era feito de coisas reais, ossos, tecido e pele que podia ser ferida.

Mas toda vez eu congelava, vazia como uma concha. Toda vez, eu não fazia nada além de receber: explosões vermelhas no rosto, atrás dos olhos; beliscões e tapas; fortes empurrões no peito.

"Vamos, vamos!" Tack estava gritando do outro lado do campo. Comecei a correr com ele, sem pensar, sem ver onde estava indo, ainda dura de pânico, com Blue imersa em meu pescoço com muco e lágrimas e meu coração perfurando meu peito, e quando o Carniceiro veio da esquerda eu nem sequer o vi, até que ele bateu com um porrete na minha cabeça. Deixei Blue cair. Apenas a deixei cair para o chão. E eu fui atrás dela, meus joelhos rígidos no chão, tentando protegê-la. Eu passei uma mão em torno do bolso dos seus pijamas e consegui pegá-la e coloca-la de pé.

"Corra," eu disse. "Vá em frente." Eu a empurrei. Ela estava chorando, e eu a empurrei. Mas ela correu, como podia, com as pernas que ainda eram muito curtas para o seu corpo.

O Carniceiro deu um chute entre as minhas costelas, exatamente no ponto onde meu pai as tinha fraturado, quando eu tinha doze anos. A dor fez tudo ficar escuro por um segundo, e quando eu me virei de costas, tudo era diferente. As estrelas não eram estrelas, mas um teto manchado com infiltração. A terra não era terra, mas um tapete felpudo.

E o Carniceiro não era um Carniceiro, mas sim ele. Meu pai.

Olhos pequenos como cortes, punhos tão gordos quanto cintos de couro, respiração quente e úmida no meu rosto. Sua mandíbula, seu cheiro, seu suor. Ele tinha me encontrado. Ele levantou a mão e eu sabia que estava começando tudo de novo, que ele nunca iria parar, nunca me deixaria livre e eu nunca iria escapar.

Que a Blue nunca estaria segura.

Tudo ficou escuro e silencioso.

Eu não sabia que sido tinha alcançado a faca até que ela estava profundamente entre suas costelas.

Isso é tudo o que eu tenho ouvido: o silêncio. Às vezes em que eu matei. As vezes que eu tive que matar. Se há um Deus, eu acho que ele não tem nada a dizer sobre isso.

Se há um Deus, ele deve ter ficado cansado de assistir ha um tempo atrás.

Há silêncio na sala de execução de Julian Fineman, exceto pelo ocasional *clique-clique* de uma câmera, exceto pelo zumbido da voz do sacerdote. *Mas quando viu que Abraão Isaac tornou-se imundo, ele pediu em seu coração por orientação. . .*

O silêncio como brancura: como coisas pintadas e ocultas, ou deixadas não ditas.

Silêncio, exceto pelo guincho do meu tênis no chão de linóleo. O médico se vira para olhar para mim, irritado. Confuso. Minha voz, naquele grande quarto branco, soa estranha.

O primeiro tiro é muito alto.

Estou me lembrando: todos esses anos atrás, sentada com Tack quando ele foi recém-nomeado. O brilho vermelho-brasa do fogo na velha lareira a lenha, e Blue, com a respiração já mais fácil, pesando nos meus braços. Sons de sono nos outros quartos, e em algum lugar acima de nós, o assobio do vento entre as árvores.

"Você voltou," eu disse. "Eu não achei que você o faria."

"Eu não ia," admitiu. Ele parecia diferente, vestindo roupas que Avô tinha encontrado para ele na despensa—muito mais jovem e muito mais magro. Seus olhos eram enormes cavidades escuras no rosto. Eu o achei bonito.

Abracei Blue um pouco mais. Ela estava quente ainda, continuava agitada em seu sono. Mas sua respiração vinha constante e lenta, e não havia barulho em seu peito. Pela primeira vez, ocorreu-me que eu tinha sido solitária. Não apenas na propriedade, onde todos estavam muito ocupados sobrevivendo para se preocupar em fazer amigos, onde a maioria dos Inválidos era mais velha, ou apenas meio amigável ou gostavam de ficar sozinhos. Mesmo antes disso. Em casa eu nunca tive amigos também. Eu não podia me dar ao luxo, não poderia deixá-los ver como a minha casa era, não queria ninguém prestando atenção ou fazendo perguntas.

Sozinha. Eu estive sozinha minha vida inteira. "Por que você mudou de ideia?" eu disse.

Ele sorriu um pouco. "Porque eu sabia que você pensou que eu não viria."

Eu olhei para ele. "Você cruzou para outro lado e arriscou sua vida apenas para provar um ponto?"

"Não para provar um ponto," disse ele. "Para provar que você estava errada." Ele sorriu maior essa vez. Seu cabelo tinha cheiro de fumaça do fogo. "Parece que você pode valer a pena."

Então ele me beijou. Ele se inclinou e apenas tocou seus lábios nos meus com Blue entre nós como um segredo, e eu soube então que eu não iria mais ser tão sozinha.

"Como você—?" Lena está sem fôlego, rosto pálido. Choque, talvez. Suas palmas estão cortadas e tem sangue no seu blusão. "Onde você—?"

"Mais tarde," eu digo. Minha bochecha está ardendo. Meu rosto ficou cheio de vidro quando Lena decidiu romper pelo deck de observação, mas nada que um par de pinças não possa consertar. Eu tive sorte do vidro não ter acertado meus olhos.

Julian, de perto, parece diferente de todos os folhetos do DFA. Mais novo, e meio triste, pra baixo, como um cachorrinho implorando por atenção—até um leve chute.

Felizmente, ele não faz perguntas, apenas pende atrás de mim, andando rapidamente, sem dizer nada. Ele deve estar acostumado a obedecer. Se não fosse por Lena, se ela não tivesse mudado as regras, a agulha estaria em seu braço agora, e ele estaria morto. Teria sido melhor para nós, e para o movimento.

Nenhum ponto em pensar sobre isso agora. Lena tomou uma posição, e por isso, tomei uma posição com ela.

Isso é o que você faz pela família. Qualquer coisa.

Nós saímos pela saída de emergência para a escada de incêndio, que leva para dentro do pequeno pátio que eu tinha sondado anteriormente. Até agora, tudo bem. A respiração de Lena vem rápida e difícil atrás de mim, mas minha respiração está fácil, até lenta.

Esta é a minha parte favorita da história: a fuga.

Tack está esperando com a van na Décima Quarta Rua, assim como ele disse que faria. Abro a porta de carga e fecho Lena e Julian lá dentro.

"Você os tem?" Tack pergunta quando eu subo no banco do passageiro.

"Eu estaria aqui se eu não tivesse?" eu respondi.

Ele franze a testa. "Você está cortada."

Eu abaixo o espelho e dou uma olhada: alguns cortes irregulares na minha bochecha e pescoço, frisados com sangue. "Apenas um arranhão," eu digo, limpando o sangue com a manga do meu suéter.

"Vamos, então," Tack diz, e suspira.

Ele dispara o motor e aponta para rua a fora, cinza e borrada com chuva que passou. Eu mantenho minha manga pressionando o lado do meu rosto para estancar o sangramento. Fazemos todo o caminho para a Autoestrada do Lado Leste antes de Tack falar novamente.

"É um risco, leva-lo de volta com a gente," diz ele em voz baixa. "Julian Fineman. Merda. Um grande risco."

"Eu assumo a responsabilidade." Viro de frente à janela. Eu posso ver os contornos fantasmagóricos do meu reflexo, sentir o zumbido de ar frio através do vidro.

"Ela é importante para você, não é? Lena, eu quero dizer." A voz de Tack se mantém tranquila.

"Ela é importante para o movimento," eu respondo, e vejo a garota-fantasma falar também, o reflexo dos seus dentes, sobrepondo as imagens em movimento da cidade.

Tack não disse nada por um segundo. Então eu sinto a sua mão no meu joelho.

"Eu teria feito isso por você, também," ele diz ainda mais silencioso. "Se você tivesse sido levada. Eu teria voltado. Eu teria arriscado."

Eu me virei para olhá-lo. "Você já voltou por mim," eu digo. Eu me lembro daquele primeiro beijo, o calor de Blue entre nós, e os lábios de Tack, secos como osso, macios como sombra. Eu ainda não posso dizer o nome dela, mas eu acho que ele sabe o que estou pensando. "Você voltou por nós."

Recentemente eu tenho tido mais e mais a fantasia: aquela onde Tack e eu fugimos, desaparecemos sob o vasto céu na floresta com folhas como mãos verdes, nos aconchegando. Na minha fantasia, quanto mais andamos, mais limpos ficamos, como se os bosques estivessem esfregando os últimos anos, todo o sangue, a luta e as cicatrizes—descamando as más lembranças e os falsos começos, deixando-nos brilhantes e novos, como bonecas recém-retiradas da embalagem.

E nesta fantasia, nessa minha vida de fantasia, encontramos uma casa de pedra escondida no fundo da floresta, intocada, equipada com camas, tapetes, pratos e tudo o que precisamos para viver nossa nova vida—ou os proprietários apenas pegaram suas coisas e foram embora, ou a casa tinha sido construída por nós e estávamos apenas esperando todo esse tempo.

Nós pescamos no córrego e caçamos na floresta no verão. Nós plantamos batatas, pimentas e tomates grandes como abóboras. No inverno, ficamos dentro de casa, em frente ao fogo enquanto a neve cai em torno de nós como um cobertor, acalmando o mundo, envolvendo-o no sono.

Nós temos quatro filhos. Talvez cinco. O primeiro é uma menina, estupidamente bonita, e nós a chamamos Blue.

"Onde diabos você estava?" Pike está em cima de mim assim que voltamos para o armazém.

Eu não gosto de Pike. Ele é mal-humorado e maldoso, e ele acha que pode mandar em mim e em todos os outros ao redor.

Eu coloquei a mão no seu peito, empurrando-o para trás. "Saia do meu espaço."

"Eu lhe fiz uma pergunta."

"Não fale com ela desse jeito," Tack saltou já pronto para ir.

"Está tudo bem." Estou muito cansada de repente para discutir. Eu fico pensando nas últimas palavras de Lena para mim. *A mulher que veio para mim em Salvage... Ela é a minha mãe. Você sabia?* Como se eu *devesse* ter sabido. Como se fosse a minha culpa a mãe de Lena ter se mudado sem um *até logo, te vejo mais tarde*.

Mas eu sei que é mais do que isso. Eu tenho sempre pensado em Lena como uma pessoa sozinha, como eu. Eu sempre vi um pouco de mim nela. Mas ela não está sozinha. Ela tem uma mãe, uma mãe *livre*, uma lutadora. Alguém para se orgulhar. Ela tem família.

Eu fecho meus olhos e tomo uma profunda respiração, pensando numa casa de pedra toda envolta em uma névoa de neve. Abro olhos de novo.

"Nós tivemos que cuidar de uma coisa," Tack está dizendo.

"Mas nós estamos prontos agora," eu digo rapidamente. Olho para Tack, tentando me comunicar com os meus olhos, *deixe isso pra lá, esqueça, vamos sair daqui.*

"Nós quase saímos sem vocês," Pike diz ainda não pronto para nos perdoar.

"Dê-nos 20 minutos," eu digo, e finalmente Pike anda pro lado e nos permite passar.

O quarto em que estive dormindo foi despojado: camas desmontadas, malas prontas. Todos se preparando para seguir em frente. Uma vez que os reguladores descobrirem que foram Inválidos que soltaram Julian—talvez eles já tenham percebido isso—eles vão fazer uma varredura. Eles vão vir procurar aqui eventualmente.

Não há nenhum sinal do menino que chegou ontem à noite, o fugitivo das criptas. Jovem. Calmo. Mal disse uma palavra, antes de cair na cama. Parecia que ele havia estado trabalhando muito.

Ele é da parte do mundo de Lena. Eu não posso evitar me perguntar.

"Uma das minhas facas está faltando," Tack diz. Ele descasca o colchão da cama longe da armação. É aí que nós guardamos o material que importa, as coisas que não queremos que a outras pessoas fiquem xeretando. Não é exatamente um esconderijo, já que todo mundo faz isso—é mais como um limite. Tack começa a enlouquecer, retirar os cobertores finos, bater nos travesseiros. "Uma das minhas *melhores* facas."

Por um segundo, a necessidade de dizer é avassaladora. Se constrói como uma bolha em meu peito. *Vamos,* eu quase digo*. Só você e eu. Vamos deixar a luta para trás.*

Em vez disso eu digo: "Que tal você checar na van?"

Quando Tack sai da sala, eu estou sozinha. De repente, eu preciso vê-lo novamente, preciso saber que é verdade. Eu me agacho e ponho a minha mão no espaço entre meu colchão e a estrutura de metal barato. Depois de um minuto de procura, eu o acho: um medidor pequeno, um pouco maior que uma colher, cuidadosamente embrulhado em um

saco plástico. Ele custou-me uma das facas de Tack e um colar prata e turquesa que Lena me deu quando cruzou a fronteira; a comerciante que concordou em consegui-lo ficou enfatizando os riscos. Todo mundo sabe é impossível obter um teste de gravidez hoje em dia, ela estava dizendo. Você tem que tem documentação. Cartas de aprovação do conselho regulador, blá, blá, blá.

Eu paguei. Eu tinha que fazer. Eu precisava saber.

Sento-me para trás em meus calcanhares e deslizo o plástico fino, para que eu possa ler o resultado: duas tênues linhas paralelas, como uma escada que conduz a algum lugar.

Grávida.

Som de passos no corredor. Eu rapidamente ponho o teste de volta dentro do colchão. Meu coração está batendo pesado, rápido. Talvez seja minha imaginação, mas eu acho que eu posso sentir outros batimentos cardíacos, um leve pulsar, em algum lugar debaixo da minha caixa torácica, respondendo.

O primeiro, vamos chamar de Blue.

fim

aviso

Esta tradução foi feita pelo grupo **Shadows Secrets** de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato ebook. Os grupos tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.